

Redacção, Administração e Propriedade CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA—Telf. 5 Cete	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Valca do Correio para CETE



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—207
Preço 1\$00

Agora

Vai aqui a Ilha Terceira com 500\$. Aquiles da Beira, vai com 100\$; e promete voltar. Um assinante do Porto leva 20\$. Atrás, segue uma pecadora com outro tanto. O dobro desta quantia, vai nas mãos de um outro penitente. São todos do Porto. Aqui mesmo ao lado vai esta bandeira:

O que me impressiona vivamente no Gaiato é o amor aos pobres e o carinho que lhes dispensa. Também eu posso dizer-lhe que as horas e os dias mais felizes da minha vida são aqueles em que dulcifico um pouco o amargo viver de alguns necessitados. Quando vi a ideia da casa dos pobres em marcha, também pensei em associar-me, mas como? Recebo um ordenado minúsculo para poder mandar os 12 contos que nunca juntaria dum mês; e então pensei o seguinte:

Com os milagres que a boa vontade consegue, enviar-lhe-ia todos os anos um ou dois contos até perfazer a quantia acima mencionada. Se concorda com a minha ideia, mande fazer mais uma. Eu prometo não faltar, porque confio em Deus e Ele há-de ajudar-me a saldar o compromisso que tomo na entrada deste ano de 1952. Assim morrerei mais feliz, quando souber que o meu nome ou melhor, a minha alma entrará na eternidade com a benção do Pobre que habitar essa casa amada com alguns sacrificios. Parece que nem já terei tanto medo ao ser julgada, não obstante a infelicidade com que muitas vezes correspondo aos favores do Céu.

Diga se concorda com o meu plano. Basta por em qualquer canto do Gaiato que aceita a proposta.

É da Maria da Beira. Ela quer a benção do Pobre à hora da sua morte. Morte preciosa! Ovar enfileira com 100\$. Almada, com 25\$. Também vão dois noivos felizes com uma telha. Um senhor do Rio de Janeiro, também quer ir com 250\$.

Os Viveiros de Castromil, pelo seu dono e filhos, vão no cortejo com árvores de fruto e glicínias! São pereiras, macieiras e pessegueiros. Que riqueza!

Ora agora peço a todos os senhores o favor de se afastarem:

Os meus cumprimentos e as melhoras da sua saúde. Como me disse o mealheiro dos Amigos do Padre Américo da ofi-

cina mecânica de cigarros fortes da fábrica de tabacos a «Portuense» continua a sua colheita nos fins de semana, e com a notícia no «Famoso» entraram na procissão mais duas oficinas, são elas: «Os amigos da causa do Padre Américo» da oficina do Pique, e os «Amigos do gaiato» da oficina n.º 1.

Como vê, política no caso, mas bendita política quando ela trabalha para o bem da mesma causa!

Agora só faltam as oficinas, n.º 2 e «Picadilho» mas temos fé que também hão-de entrar na procissão, é questão de mais uma faúlha que o incendio é certo.

Havemos de ver quais destes mealheiros leva no fim o estandarte.

Envio-lhe 20\$, meus, de umas horas extraordinárias para o que o bom Padre entender.

Uma assinante que espera ter casa sua, enquanto não, manda aqui uma telha de 20\$. Uma Bracarense ausente da sua terra manda 100\$ e quer saber se recebemos 200\$, aqui há tempos. Sim senhor. Da Areosa, vai um com 50\$. Outro do Porto com o dobro. Outro tanto do assinante 16416. O mesmo de Rio Tinto. Do Porto, uma telha—de 250\$. Um António da mesma cidade, vai com 100\$. Os três irmãos tornam com um vidro de 20\$. Agora são 50\$. Gondomar enfileira com o dobro. Também vai um senhor de 500\$, que já antes dera outro tanto e parece que não fica por aqui... Que ele não tenha dúvidas se sim ou não; aqui chega tudo. A Marinha Grande vai com uma tábuia de 200\$, dos meus 3 netinhos. Negrelos segue com 100\$; e dos C. T. T. Lisboa também com metade. Um espinhense na mesma.

Outra arrumadela, por favor. Eu não gostaria de incomodar, mas estas cartas não podem ficar debaixo do alqueire:

Um grupo de trabalhadores da rua Svr.ª da Lapa, cotizaram-se e obtiveram a importância de 50\$ que gostosamente lhe enviam para compra de uma telha para vossas casas super económicas pedindo a Deus que o ajude na sua Santa obra.

Telhas de oiro!

Um de S. Paulo vai com 100\$. Lisboa, com 25\$. O assinante 1299, vai com 100\$. Vai um de Coimbra com uma linda oração: eu também desejo ardentemente poder abrigar a minha gente numa casa minha. E para não ficar só em palavras, entrega 750\$. O Porto leva aqui um barrote de 50\$. Chaves idem. Um amigo de Gra-

NOTA DA QUINZENA

Um que foi dos nossos e hoje trabalha algures, veio-me dar notícia do seu próximo casamento. Dei-lhe um fato à escolha. Um seu irmão que tem cá, foi à boda e no regresso disse-me que a festa não se realizara. Por ser muito novo não soube dar-me razões. Não levou muito que as não soubesse. Muito simples. O futuro sogro, ao saber que o rapaz ganhava pouco, não consentiu; seria mais um encargo na família. Eis o caso.

Isto deu-se. As coisas passaram. Tudo parece ter voltado à normalidade. Mas não é assim. Na realidade, ficou na vida dos nubentes uma dor que há-de levar tempo a curar; e um desequilíbrio na sociedade. Como? A supremacia duma coisa material sobre um acto espiritual. Isto abre sulcos. É a desordem. Confunde. Derrota. Como este que foi nosso, quantos e quantos rapazes se queixam, —quantos! Quantos rapazes vencidos! Que de crimes ocultos! E que dizer dos que esperam melhoria de vencimentos, sem poderem realizar o mandamento divino: enchei a terra. Eis a causa permanente e oculta de graves problemas do homem; eis a ocasião de revoltas. Ele há, sim, impedimentos; constam da lei e da própria natureza do acto. Há impedimentos naturais. Mas este do que foi nosso e de legiões de rapazes aptos e livres, é fora da lei e da natureza. É a senhora injustiça. Tem necessariamente de criar desgostos e muitas vezes fazer os revoltados. Dá pena!

Mas o estado de clamores, não fica por aqui; vai mais longe e é

maços quer dar um quilo de pregos dos mais caros que há no mundo—700\$.

Mais eu que respondi a uma chamada e era o nosso amigo Mendes de Vizela, a dizer que tinha conseguido uma casa entre os sócios do seu armazem, que é em Vizela. A voz dele, era um toque de clarim! Os fios mais o telefone faiscavam!! Já lhe arranjei uma casa. Eu de cá estava com mais um nadinha de calma; é mais feliz quem dá. Verdade eterna! Feliz e entusiasmado e tudo. Com mais um nadinha de calma ia respondendo e disse que tanto fazia cheque como notas do banco. Já na despedida, oiço mais uma repenicadela. Era o mesmo. Era para me dizer que talvez o Senhor Oliveira desse uma casa.

Eu escutei socegado. Eu estou afeito aos sucessos e aos fiáscos. Se o Senhor Oliveira nos quizer dar também uma casa,—feliz!

intenso. Quero-me referir à vida dos casados. Aqui, como acima, também existem elementos que impedem o mandamento do senhor: cresci. A causa é precisamente a mesma: ganhamos pouco.

Temos novamente o material a comandar o espiritual. Mais desordens. Mais derrotas. Mais crimes. Quem peca? Delicta quis intelliget?

Se e quando um dos continuadores da nossa obra for chamado ao Matrimónio, esse não sentirá dificuldades porquanto, na hora em que seriamente o comunicar, nessa mesma terá o que precisa.

Nós somos acima de tudo uma obra social. Temos de dar aos nossos em atenção às suas justas necessidades de família. Não podemos capitalizar em prejuízo deles. Não seríamos mais uma obra cristã, se tal fizessemos.

Não se deve prestar ouvidos aos chamados cientistas d'hoje, homenzinhos de carne e osso, ignorando que fóra e acima da sua inteligência, há Uma Outra Universal. Não devemos tomar sentido numa que vinha há dias nos jornais, que a humanidade está condenada a morrer à fome por falta de alimentos.

Qual está. Está condenada, sim, mas é por não querer repartir equitativamente, as riquezas naturais; e outra vez equitativamente as riquezas particulares. Eu cá não sou cientista, mas afirmo. Isto é a verdade. Porque? Por causa do mandamento — cresci, multiplicai-vos, enchei a face da terra.

Creador do Céu e da Terra, não se engana nem nos engana. Corpo e alma é o composto misterioso do homem; tão juntos, que a separação causa-lhe a morte. Leis económicas e morais, são o composto da sua vida. Tão juntas que a falta da primeira, causa a desordem da segunda.

Ganhamos pouco. Que dor, chegar a casa com o seu ordenado e verificar que ele não dá! Como é fácil tornar-se o filho num fardo... Quem peca!

Se todos ganhassem pouco, esse pouco seria repartido mutuamente, alegremente e tudo chegava para todos. Os filhos seriam amores. O mandamento eterno, seria cumprido. Não havia angustia. Mas não. Não é assim. Ganhamos pouco porque outros ganham desmarcadamente. Por causa desta anomalia é que a pobre humanidade há-de sangrar e sangrar e sangrar, para ao depois renascer. Morrer não. Não senhor.

DOUTRINA

Quem leu a notícia das nossas eleições, como vinha no derradeiro número, está devidamente inteirado de como as coisas se passaram; mas eu quero tornar. Eu quero tornar ao assunto.

Os eleitores reeligeram o mesmo chefe, Carlos Rebelo Gonçalves, que tem fama de severo e cara de poucos amigos. Nisto mostram ser inteligentes, conhecer os perigos, procurar quem os defenda. O chefe agora reeleito, levanta-se para falar. Pudera ter feito um largo discurso; outros por bem menos o fazem. Pudera, sim, mas não. Olha em redor vira-se para mim e exclama: *Pai Américo, tenha confiança em nós.* Muitas outras coisas haveria a dizer naquelas circunstâncias; o rapaz tem experiência do governo. A experiência faz mestres. Ele era ali um mestre. Podia falar. Não o fez. Foi buscar a palavra confiança. Eu estava presente. Eu exultei. Não sabia que tão depressa colheria os frutos duma sementeira arriscada. Tirou-se a prova real. Dá certo.

Arriscada e medrosa. A gente por vezes tem medo. Exemplo: o chefe do lar do Porto, houve de retirar-se uma semana, tendo-me previamente indicado qual o seu substituto; era o António Prata.

Antes de partir, veio ele aqui a Paço de Sousa dar os últimos retoques e trazia um pedido; era para eu não comparecer no Lar durante a sua ausência! Eu disse que sim. Isto já não era pouco para assustar, mas ele pede mais. O Carlos trazia outro pedido do seu proposto António Prata. Era a chave do cofre. O rapaz queria ficar com todos os encargos e também a chave do cofre! E agora? Que fazer? Trinta rapazes com o patrão fora, que dia santo não seria em casa! Não importa. A audácia ajuda. Eu disse que sim.

Carlos entrega as chaves, foi para férias, eu não compareci no Lar do Porto. De onde estava, Carlos escreve a seguinte carta ao António Prata:

Que tal o barco, bem? Espero que sim. O Pai Américo tem confiança em nós, por este motivo o barco terá de andar direito. Não te deixes dominar pelos amigos... Faz o possível para seres igual para todos. Nada de distinções. É o maior erro que um chefe pode ter.

Vê se o Récio já está matriculado.

Ao regressar encontrou tudo muito certinho. Torna aqui a Paço de Sousa dizer-me que já podia ir ao Lar do Porto; e eu fui ao Lar do Porto.

Isto aconteceu tal qual e condis com a natureza da confiança. Todo o rapaz que quer ser homem tem fome e sede dela. É uma força interior. Um desejo ilimitado. O António Prata não era ele, se eu tivesse reservado para mim alguma coisa do que lhe pertencia durante a ausência do seu chefe. Não era ele. Ficaria triste. Esmorecia. Também ele foi ousado em ter pedido a chave do cofre e não querer que eu fosse ao Lar. Só por muita sinceridade se pode fazer um pedido assim, nas circunstâncias do Prata. De má fé ninguém o faria. A malícia faz sombra. Aqui é tudo luz.

Nós somos os pregadores da confiança. Exemplo: Enviamos à confiança, que não à cobrança, os

Eis o cartaz de uma obra. Idades, tamanhos, feitios, vestir, semblantes—nada igual. E se um de nós tivesse o dom de penetrar nas almas, então, ali, é que havia de ficar pasmado!

Os toirinhos marcam. Os bois que hoje temos na corte, foram ontem graciosos vitelos e estes, serão amanhã bois de trabalho. Poucos são os visitantes que escapam às vistas dos estábulos, pelo zelo dos cicerones, que atemam em mostrar aquilo de que eles mais gostam: os toirinhos!

Os animais, por este nosso sis-



tema de viver, sem mudar de natureza, mudam, nas nossas casas, de costumes. Os bois, caminham sózinhos para o jugo e prosseguem no trabalho sem ser preciso falar-lhes. As galinhas, de fugideiras que são, deixam-se apanhar. Mandamos vir cães de guarda da serra da Estrela e eles daí a pouco são cordeiros. Os coelhos mal-las pombas, vêm comer à mão. Não há gatos assanhados. Os pardais entram pelas janelas e apanham migalhas. Até os porcos, de teimosos e estúpidos, convivem com os seus tratadores. Nós somos uma

As nossas Contas

Visto o livro aonde assentamos as despesas, temos que gastamos nas seis casas actualmente de pé, 2155 contos, durante o ano de 1951. Recebemos do Estado, pelo Fundo do Desemprego, 150 contos; e pelo Fundo do Socorro Social, 328 contos; e da Direcção Geral de Assistencia, 60 contos. E do Fundo do Sacrificio Particular recebemos 1617 contos! Por aqui se vê qual não é a economia e também a eficiencia das obras particulares. Mantendo, como hoje fazemos, uns 400 rapazes, segue-se que custamos à Assistencia menos de um conto por ano e por cada um!

Seria interessante saber quanto é que gastam com outros tantos, em igualdade de circunstancias; e

cinco mil exemplares do primeiro volume do nosso livro. Pois bem. Hoje está chegando muito dinheiro a pedir o segundo volume. Quer dizer; mandamos livros sem dinheiro. Mandam-nos agora dinheiro sem livro. Nós somos os pregadores. Confiança paga-se com confiança.

palavra nova. Nós somos um mundo novo.

Também são de terras diferentes; neste pequenino grupo, vejo rapazes de oito distritos. Não há preferências. Não há clausulas. Não há a obrigação. É o rapaz a procurar e a tomar conta do que é seu.

Nós cá temos o nosso internacionalismo. Nós cá temos também o nosso comunismo. Nós somos, mesmo, os verdadeiros comunistas. Porque? Porque não cobicamos as riquezas alheias e dividimos as próprias. A doutrina é esta.

O NOSSO LIVRO

Eu vou dizer da sua posição actual. Tenho dados seguros. Venho agora da tipografia, aonde vi o Preta mais o Malaia a dobrar a décima terceira folha, a qual vem a ser a derradeira. Apenas acabem, comecem a coser. Preta esteve uns meses na Portuense aonde aprendeu este serviço; e também a namorar. Mas eu cortei-lhe a correspondência. Era a menina Alzira. Ora muito bem.

Livro a coser e capas em fabrico. Júlio foi ao Porto comprar uma cartolina melhor do que a do primeiro volume. Disse-me ele que se tornava necessário uma cartolina mais forte, para não parecer mal numa estante de qualquer leitor. E eu disse que sim. Foi aqui ventilada a questão do titulo. Da primeira vez, escreveu o Fatsca mai-lo Risonho, e saíram as duas chapas, qual delas a melhor. Pensou-se que o Pombinha poderia fazer ainda melhor e chegamos a convidá-lo. Mas por último resolvemos deixar seguir novamente o trabalho daqueles dois e assim poupamos tempo e dinheiro.

Pelo que os senhores acabam de ler, não tarda que não recebam em suas casas o segundo volume do *Isto é a Casa do Gaiato*. Nós seguimos as fichas do Piolho. Já que falamos, eu digo que o Piolho se encontra a trabalhar em São João da Madeira e que o Carlos Inácio o faz andar a toque de caixa. O Júlio já não podia mais. Avelino não o aceitou no seu escritório. Não houve outro remédio. Está ali colocado numa fábrica de botões. Anda mais magro; ele tinha aqui seis vacas por sua conta... Em vez de quintas tem agora um quintal. Acabaram-se as constipações e as dores de cabeça e mais aquelas doenças que ele costumava arranjar aqui, no intuito de lamber e ficar na cama até mais tarde. Tudo isso se lhe acabou. Ninguém as faz que as não venha a pagar!

Ora muito bem. Nós vamos seguir as fichas do Piolho. Agora é o Manuel Pinto. Eu já passo para a mão dele as cartas que vêm chegando a lembrar o livro. Ele o responsável. Quanto ao recheio do dito, quem leu o primeiro já sabe. São as mesmas coisas ditas e feitas pelos mesmos rapazes; ou outros, fazendo e dizendo as mesmas coisas. Em qualquer dos casos são eles. Não é mais ninguém nem é mais nada; nem teria graça se assim não fosse. Quanto a preços, são os vinte escudos. Quanto a cobrança não as fazemos. Havendo atrasos, vai um postalzinho e acabou. Vou aqui declarar um caso, para bom nome e crédito de todos; das 3750 fichas, referentes a outros tantos nomes, só um é que devolveu o livro. Só um!

Outra coisa. Júlio resolveu mandar apenas um exemplar a cada freguês, não obstante muitos deles, no primeiro, terem pedido quantidades. Caso nos peçam, mandarmos e até outra vez se Deus quiser.

então veríamos todos quam avisados não foram as conclusões do último Congresso da União Nacional, em matéria de Assistencia: encorajar e auxiliar as obras de assistencia particular.

Quando nos estabelecemos no Tojal, houve um dia em que eu andei mais o P.º Adriano pelo Terreiro do Paço, a mostrar-lhe aonde os passos da nossa via dolorosa e disse-lhe: *agora também te vou levar à Assistencia.* Tomamos o eléctrico. Chegamos à Rato. E acolá. Padre Adriano viu um grande edificio côr de rosa. Há o porteiro. Subimos. Outro porteiro. Muitas salas. Muitas mesas. Muitos senhores e muitas senhoras que se cruzam. Padre Adriano, ia atrás de mim, silencioso. A certa altura puxa-me pela capa e pergunta-me pelos doentes: *que é dos doentes.*

Por assistencia, Padre Adriano tinha tomado e julgava encontrar um hospital! Não sabia que ele era tão atrazadinho! Expliquei-lhe Disse-lhe tudo. E ele ficou sabendo que a Direcção Geral de Assistencia é uma simples repartição do Estado e que quem faz assistencia, somos nós e outros assim.

O que nos dão no Tojal

Torna-se difícil, senão impossível, alumiarmos todos os donativos desta quadra do Natal. Palavra vã seria esta, se a esvaziássemos da mensagem da caridade fraterna que nela se encerra. Se é Deus que vem para junto de nós, como havíamos nós, irmãos, de estar ausentes uns dos outros?

Os donativos marcam presença; não aonde não pode ir a pessoa; trazem o calor de quem os envia. São pois uma mensagem de amor fraterno; mais do que isso: são um acto de fé no corpo místico de Cristo onde todos estamos unidos.

Foi nesta atmosfera rarefeita das alturas, donde emanou a luz angelica que ilumina os Homens de boa vontade, que desatamos embrulhos, abrimos cartas e depositamos nas mãos dos nossos pequeninos, os brinquedos e guloseimas. Com a mesma Cruz passamos pelas curraleiras, pelo Santuário mais próximo e pelos Pobres mais vizinhos, dando a todos a nova do Nascimento do Redentor.

O Primeiro donativo veio da Inglaterra! Eram albuns e brinquedos «para os seus batatas». Da Farmácia Andrade 200; da Câmara M. de Seixal 300; de visitantes 500, passados pelas mãos dos filhos pequeninos; em carta aberta, sem estampilha e sem multa, donde se prova a honradez dos C. T. T., 20; para o pão de hoje, 100; da Senhora da Hora, 50, com palavras amigas de congratulação; mais um instrumento cirúrgico da Casa Machado Malcher, por intermédio do nosso dedicado Dentista: Pastas e Cálcio, por intermédio do mesmo. Fatos, camisolas, ploveres em grande profusão, uns trazidos pelos arduos, outros pelos visitantes, mas a maioria depositados no Montepio. Vieram vinte e cinco embrulhos numa vez, outros tantos doutros, e nova carrada está para vir.

Dentre eles mais um aparelho de rádio. 200 da Vacuum e seis mil da Sacer e 200 litros de petróleo. Da Nestlé 250, que todos os meses se repetem. Mais envelopes com cem duzentos e 300 entregues pelos vendedores do Gaiato; 140 quilos de bacalhau, 100 litros de azeite dos organismos respectivos; 50 de Arroios para a ceia do Natal; 50 do produto numa quete entre um pequeno sector do Banco Ultramarino; 110 dos alunos da Escola masculina de Algés; roupas e 20 da rua da República com um pedido que procuramos satisfazer; 200 dum médico amigo; dum humilde costureira 100, e dois lençois, pelas melhoras de dois doentes. Um embrulho com 50 outro com dez; fatos para um J. Manuel, do assinante 7133; 200 e remédios de Pampulha. Mais uma iniciativa da Estação Central de Encomendas Postais: era um lindo mealheiro atestadinho com 400 escudos. Todos os vendedores do Jornal gostam daquela secção pelo bem com que são ali tratados.

Na véspera do Natal, logo de madrugada houve alarome na portaria: era um rico suíno que chegava do Buçaco, com ordens de entreter a malta no dia seguinte, tendo desempenhado a sua tarefa cabalmente! De Bucelas broinhas e 50; mais broinhas e 200 da Ultramarina. Do Tojal, deste dantes tão tristemente célebre Tojal, também vieram provas de compreensão e auxílio: muitos brinquedos, uma ovelhita, carne e vinho. De Lisboa, um grande cacho de bananas. Mais roupas do 6.780 e 200 da Cecil. Da Rua das Amoreiras, 100; 750 do Grémio dos Exportadores de Azeite. Um caixote de massas e de bolachas da Manutenção Militar; mais 160 de D. Elba Bechgaard da CECIL; 1.000

no Patriarcado; 50 de Vila de Rei 20 dum figueirense; um rico bolo em forma de livro; vinho de mesa e de missa de Bucelas; mais broinhas do Natal; 50 do Crédito P. que todos os meses aparecem no Banco.

Um saco de açúcar de Ponta Delgada que ficou muito amargoso pelas voltas que nos fez dar. Mais doce chegaram vinte saquinhos dele, de Angola.

Da Cruz Vermelha muitos brinquedos, açúcar massa, camisolas e figos. De Angola 20\$; bolachas e massa da Escola Patrício Prazeres. A um vendedor 100, a outro 700 dum promessa, tendo nós cumprido a vontade do vovento. Mais uma peça de flanela e roupas novas dum visitante assíduo; mais retalhos de ganga e cotim no Montepio; mais flanela, riscados e coisas sublimes para vestuário dos Rapazes, trazidos por um senhor que promete continuar se Deus o ajudar. Como Deus não falta, esperamos que ele não falte. Só quem tem muitos filhos sabe avaliar o arranjo que este género de ofertas nos faz.

Os nossos Pobres não ficaram esquecidos dos leitores. Como não havia de ser assim se os vicentinos fazem uma cega-rega constante?

Da Rua da Prata, um fio de ouro e uma medalha de prata com esta legenda: como não posso mandar dinheiro, vai isto para os Pobres; das Caldas da Rainha 50; outro tanto de Oliveira de Azemeis, com muita devoção, no dia da Imaculada. De Visitantes de Lousado 100. No Montepio fomos encontrar muitos embrulhos com roupas mercadoria, bacalhau e bolos, o que despertou nos vicentinos um alvoroço indescritível. 400 do Terreiro do Paço «para os seus pobrezinhos». Um cobertor novo «para o mais necessitado das fúrnas e que Deus melhore a sua sorte» Deus criou o mundo de modo a chegar para todos, inclusivamente para os das fúrnas; mas há quem marque no mapa do registo predial, para si uma área tão vasta, que, a alguns, só resta um buraco debaixo da terra. Não é Deus que há-de melhorar; são os homens. As Casas dos Pobres vão agora em maré de melhor sorte. Esperamos dentro em breve poder dar notícias sensacionais; entretanto registamos o donativo de tres mil escudos da Câmara M. de Loures muito de louvar. Mais 100 e 500 de Lisboa; 50 para uma telha, 20 de um seminarista dos Olivais: para um préguinho 128 em selos, de Rafles. 1.000 no Patriarcado e 4.000 dos Empregados da Vacuum com participação da Empresa e sem prejuízo dos 1.400 mensais. Vacuum e Sacer estão a rivalizar...

500 de um casal ogradecido que, no dia 18, celebrou as suas bodas de ouro, tendo nós cumprido o seu piedoso desejo.

Finalmente um bom relógio de sala. Há quatro anos que pedíamos. Cansados de esperar, fui ao 13 da Rua da Palma e deixei a encomenda. O senhor veio colocá-lo no refeitório, e, ao pedir-lhe a conta, deu-a desta maneira: Não interessa saber quem sou. Uma missa por alma dos meus santos Pais Manuel e Maria. Irmão X.

O nosso príncipe, o Zéca, passa horas esquecidas sentado em cima dum mesa do refeitório entre os pratos à espera de ouvir as horas: olha, diz ele nos seus monossílabos, o lá cantal! O relógio canta. Valia a pena ter dado um canto para assistir à satisfação desta criança.

Começaram os peditórios nas igrejas. A Estrela abriu com 11.252\$10, duas joias e muitas lágrimas.

PADRE ADRIANO



O que nos deram no Natal: Ainda há dias alguém me perguntava se aqui pelo centro nos davam muitas coisas e eu respondi que ainda assim não tinha razão de queixas. E vede se eu tinha ou não razão:

Fui por duas vezes comprar miudezas a várias casas e ninguém quis pagamento. Muitos têm posto a sua assinatura em dia com duzentos, cem e daí para baixo. Do Bazar do Porto veio um grande pacote de meias pequeninas que serviram maravilhosamente. Os senhores deste estabelecimento têm muitos gestos assim. A flanela do Caramulo foi recebida; vinte de Miranda; roupas da Maria de Vila do Porto. Esta terra fica na ilha de Santa Maria dos Açores. Roupas usadas para os pobres da conferência; roupas para pobres; vinte; cinquenta dum promessa; os homens católicos de Coimbra fizeram o seu Retiro e fizeram uma subscrição e entregaram 360\$00. Também esta foi uma boa resolução. E 50 para a conferência de Coimbra e 50 para a de Miranda de O. de Azemeis; duas meninas, em retiro vieram trazer 40. Brinquedos e uma gabardine; vinte no Castelo; vinte para a pobre viúva dos cinco filhos; um senhor de muitas vezes deu desta 40 alqueires de milho e batatas e feijão e fruta em sufrágio pela alma de minha saudosa esposa; vinte unidos dos Restauradores de Lisboa para a conferência. Uma pessoa amiga desde há muito com 60 litros de azeite que é um amor; muitos pacotes de massa e bôlos da Triunfo e de uma leitora assídua do gaiato a festejar o noivado; visitantes com 70; 50 das Caldas, para a viúva dos cinco filhos; uma camisola e depois mais duas de uma alfaneguenense; 50 e muita roupa em óptimo estado; cem e panelas e mais; cinquenta muito escondidinhos na minha mão de um sacerdote. Dos presentes ninguém notou, só Deus. Vinte para uma missa por alma de Maria. Celebrei.

Flanela no Castelo dos Arcos; as senhas mensais e um cobertor; solas e cabedais da F. de Cortumes de Coimbra; bôlos, revistas e uma cadeira; um cobertor de Ni-a para a pobre do Bairro das Latas; cem com votos de boa saúde e ânimo no Portifrio Delgado. Cem da S. de Sabões e B. F.; 500 e B. F. da Auto Industrial; 300 do Grémio do Arroz; vinte para uns calções e vinte a pedir uma oração por alma da m. mãe; cem da Socony Vacuum; 30 para a casa e 20 para a conferência da Covilhã; 50 para a dos 8 filhos e o mesmo para a dos 5, dum casal que veio trazer. Roupas e flanelas; mais roupas; e ainda mais da senhora de muitas vezes. E uma família de C.ª muito nossa amiga que todos os anos no dia de Natal costuma ir a Miranda e este ano levou uma grande mala cheia de roupa e calçado, tudo um primor. Que grande devoção! Mais roupas e uma gabardine; B. F. e 100\$00; um lote de cobertores no Castelo; solas e mais matérias num armazém; 500 do Banco de Portugal; 100 do Banco E. Santo; cinquenta no Castelo dum criada; um senhor Dr. Especialista com

abóboras, azeite, farinha e açúcar. Tudo completo para um Natal!

Um recibo do seguro pago por um grande amigo; 500\$00 da União de Grémios; 300 dum amigo que nos manda aparecer mais vezes; roupa para os gaiatos vicentinos e vinte; roupas para dividir pelos rapazes; cinquenta na mão pela primeira vez que nos encontramos; 200 de uma mãe por uma promessa e por orações; oito ploveres no Portifrio Delgado; batatas dum armazém donde gastamos; roupa para a conferência; um estudante de medicina que veio ao Lar trazer duas de quinhentos. Eu fiquei espantado! Quinhentos da Shell; 50 de S. M. da Cortiça; 50 por meio dum rapaz que foi do Lar do Ex-Pupilo; 40 num encontro; uma mãe com um filhinho e com roupas e brinquedos. Que grande sentido fraternal isto mostra! Batatas de Ervedal da Beira. Cinquenta dum sacerdote; e o mesmo doutro num encontro; e uma grande peça de fazenda da Covilhã. E assim todos os anos. Sapatos; roupa; 250\$00 do Grémio de Panificação. Os empregados deste organismo são uns apaixonados por nós. E 150 para os seus pobres. Somai e louvai ao Senhor que tocou o coração das suas criaturas.

Padre Horácio

NOTÍCIAS DA NOSSA CONFERÊNCIA

De novo entre vós leitores amigos, dando notícias da acção vicentina desenvolvida na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

São passadas as festas do Natal, e os nossos pobres sentiram-nos com uma consoada que constou de 4 kilos de batatas, 1 de cebolas, 1 bacalhau, e 1 quartilho de azeite, e a esmola semanal em dinheiro, que para uns são 20\$ e para outros são 10\$.

Somos dez confrades e dois aspirantes. Visitamos actualmente 10 famílias das mais necessitadas da freguesia.

Vós leitores decerto ficareis admirados se vos disser que no ano transato distribuimos em esmolas, leite, e contas à farmácia, a passar de 20 contos (vinte mil escudos). E é com alegria que vos dizemos que estamos em déficit.

O que recebemos dos leitores nesta coluna, segue-se: 30\$ de Lisboa, 25\$ do Porto, outra vez o Porto com 50\$, de Guimarães 100\$, novamente Lisboa com 20\$, de Valença 250\$, dois anónimos um de 100\$ outro de 30\$, de Valongo 100\$, de um Brasileiro por intermédio de um Bracarense 500\$, de Oliveira de Azemeis 50\$, e por último 50\$ de uma amiga dos pobres.

MANUEL PINTO

LAR DO PORTO O Natal dos nossos Pobres—Nunca os nossos corações de vicentinos se sentiram tão contentes como neste Natal.

Realmente quando nós temos vontade de dar e temos que dar é de ficarmos satisfeitos e a nossa alegria ultrapassar o habitual. Ficamos nós satisfeitos por dar e ficam os nossos pobres contentes por receber. Logo no princípio da semana antes do Natal, todos os vicentinos começaram a trabalhar para conseguirmos um bôdo o melhor possível. Na reunião notou-se a falta de dinheiro para satisfazer-mos as despesas. Mas, como sempre, Deus nunca se esquece daqueles que se vêm desprotegidos pelos homens, porque se todos O amassem não seriam precisas as Conferências de S. Vicente de Paulo nem Casas do Gaiato. O problema Social seria resolvido de maneira que cada um tivesse o suficiente. Não quero dizer com isto que não haveria pobreza. Sim, havia aquela classe dos que não querem trabalhar e que vivem á sombra da esmola. Mas também este problema seria resolvido. Para cada mal, cada remédio. Mas como estava dizendo Deus nunca se esquece de pôr o seu dedo. Assim aconteceu com os nossos vicentinos. No dia seguinte àquela reunião, uma Senhora da Foz telefona a oferecer um bôdo para cada pobre; e durante os dias seguintes começou a chegar dinheiro, roupas, comestíveis e ainda o nosso Pai Américo nos deu um bacalhau de dois quilos para cada pobre. Como não haviam de estar contentes os nossos corações. Já tínhamos que dar e os pobres que receber. Alegria em ambas as partes.

Resolvemos juntar os nossos protegidos numa das salas do nosso Lar. Não houve bicha. Estava muito frio na rua. A hora marcada começamos a distribuição. Uns deixam que as lágrimas deslizem pela face; enquanto outros mostram um sorriso de agradecimento. Oh hora de alegria nos corações daqueles pobres! Já tinham batatas bacalhau e azeite para festejarem o nascimento do seu Senhor. Já tinham roupas para cobrir o seu corpo triste e fatigado pelas misérias que tem passado. Eles riam e choravam ao mesmo tempo. Uma das pobres que tinha sido admitida no dia anterior, conta aos outros o milagre que caíra sobre a sua casa. Ela já não contava em comer batatas com bacalhau. Já tinha dito ao marido que iam passar um Natal muito triste visto não terem dinheiro para comprarem os generos. Mas como sempre Deus não esquece os desprotegidos e põe o seu dedo nas horas amargas da nossa vida. Nesse mesmo dia em que ela dizia aquilo ao homem, apareceu-lhe um rapaz a dizer que seria admitida na Conferência de S. Vicente de Paulo no Lar do Gaiato. Foi o bastante para que na noite seguinte o nascimento do Menino Jesus não fosse esquecido naquela casa.

Eis o que foi distribuído pelo Natal aos nossos pobres: 80 quilos de batatas, 77 quilos de bacalhau, 15 litros de azeite, 38,5 kg. de arroz, 28,5 kg. de açúcar, 31 quilos de feijão, 11 quilos de massa, 11 regueifas, 106 peças de roupa e 210\$00 em dinheiro. Que tal? Como não haviamos de estar contentes? Temos a notar que parte destes generos foram oferecidos por uma Senhora da Foz, pela Legião e pelo Grémio dos Armazenistas de Merceria. Temos também a notar que estes generos não foram só para os pobres socorridos pela nossa conferência, mas sim também para outros.

Todos se retiraram deixando um agradecimento para nós. Mas, é a vós benfeitores que eles devem agradecer o que nós também agradecemos. Vós sois os obreiros desta nossa alegria e da alegria dos nossos pobres. Vós que tanto nos amais e aos nossos pobres, tendes que infalivelmente ouvir aquela doce sentença de Jesus: «Vinde benditos de Meu Pai, porque eu tive fome e vós destes-Me de comer, tive sede destes-Me de beber, estava nu e vestistes-Me.»

No dia seguinte à distribuição ou seja na véspera do Natal, cada confrade fez a visita ao seu pobre. Foi ver se o bacalhau já estava de molho, se a casa já estava limpa e a par de tudo isto lembrar-lhe que dia era o de Natal, que era graças á bondade daquele Menino que ia nascer naquela noite que dentro de suas casas havia batatas e bacalhau. Sim; é aquele menino que vai bater nos corações dos nossos benfeitores—para que nos ajudem.

Este foi o Natal dos nossos pobres. Pobres! Que triste esta palavra «Pobre». Quando virá o dia em que se deixe de pronunciar esta palavra? Não vejo jeito de ela acabar, pelo contrário está-se a tomar cada vez mais conhecida. Eu sei que nada adianta em dizer-mos que isto anda mal, se não damos um passo á frente para que isto vá melhor. De nada valem as lamentações, de nada valem os projectos se não se fizerem obras. É

PELAS CASAS DO GAIATO

necessário que os homens responsáveis, olhem e trabalhem mais afincamente em prol daqueles que necessitam do seu auxílio.

Carlos Gonçalves

PAÇO DE SOUSA Embora tardiamente por falta de espaço venho contar aos leitores do famoso, como foi o Natal na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Depois de o domingo aproximava-se a 2.ª feira, véspera de Natal. Largou-se o trabalho às 4 horas aproximadamente. Passei pela cozinha e vi tudo afadigado. Um trabalho grandioso com os caldeirões. Batatas, num, bacalhau noutro, trunchuda, noutro. As lambarices, ou melhor, as costumadas rabanadas já estavam feitas com antecedência, assim como as filhoses.

A hora aproximava-se. Estava marcada a grande ceia para as 7. A ordem de serviço era os mais velhos servirem os seus irmãos mais novos. Chegou a hora e no meio de grande algazarra entrou-se para o refeitório. Estavam todos presentes. Começou a ceia e tudo decorreu na alegria santa da noite de Natal. Tudo alegre. O Barulho era infernal, ainda com o rádio aberto. No meio de tudo isto uma coisa nos faltou; a presença do nosso Pai Américo que estava adoentado, e com o seu refeitoreiro ceou no seu quarto.

Depois da ceia, fomos para o salão assistir a um espectáculo, que o Seja-queim ensaiou com um grupo de rapazes. Tudo se saiu bem. O orfeão fez-se ouvir em alguns trechos do seu largo repertório.

E trabalhando e sofrendo, cá esperamos de novo pelo Natal de 1952.

No escritório da Tipografia reina grande alvoroço com a breve saída do II vol. do «Isto é a Casa do Gaiato». Todos os dias as cartas chovem pedindo-o e pagando-o. Outros os mais atrasadinhos ainda estão agora pagando o primeiro. Não desanimem leitores e peçam o II vol. à editora Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa.

Ontem veio até mim o Domingos dos Anjos, pedindo para por no jornal que faz 18 anos no dia 29. Ele é um dos nossos tipógrafos. Concerteza os leitores ainda se lembram de lerem no jornal as peripécias do «Avozinha» hoje Domingos dos Anjos. Para já agradeço em

nome do aniversariante, alguma prenda que venha.

MANUEL PINTO

MIRANDA DO CORVO Já fizemos mais dois magustos que foram no dia um e no dia oito. No dia um foi à noite com vinho que bem nos soube a pouco e no dia oito pela festa de Nossa Senhora da Conceição em que fomos ter com os cruzados da Vila e alguns da nossa casa que era também dia do seu magusto. Ali passamos a noite com grande entusiasmo e alegria. Por fim regressámos, depois de tanto pagóde e tanto comer de castanha.

No passado domingo demos um passeio em visita dos lagares de Miranda e à casa para pobres. Em primeiro lugar visitámos o lagar velho e em seguida o lagar novo vimos e revimos todas aquelas máquinas e depois seguimos para o Montoiro para visitar a casa dos pobres que está quase pronta. Depois fomos até ao cabêdo onde se construirão mais casas onde tem vistas lindíssimas.

A venda do famoso tem funcionado menos mal com o entusiasmo da disputa da camisola amarela. Os vendedores têm lutado corajosamente sempre com as suas esperanças. Já há duas quinzenas que o Júlio Pequeno se aguentava sem a largar mas desta vez perdeu-a e quem a tem agora é o Sardinha vamos a ver se o Júlio recupera.

Grças a Deus desta vez o natal e o ano novo correu nos tudo muito bem tendo presenciado os rapazes do Lar do gaiato que foram quem animaram a festa do natal. Na véspera à noite houve distribuição de meias novas e uma récita sobre o presépio. Depois à meia-noite houve missa do galo e em seguida houve uma cafezada e felhozes e bolos. De manhã houve missa por alma do marido da habitante da primeira casa dos pobres no Montoiro e assim passámos o natal e o ano novo.

No dia 23 de Dezembro estive a casa dos pobres aberta para que toda a gente pudesse ir visitar e deixar alguma coisa. Realmente deu resultado naquele dia parecia uma romaria tudo cheio de gente que deixaram: açúcar, lenha, batatas, feijão, dinheiro etc. No dia 24 foi entregue a chave da casa à pobre. A pobre é viúva e tem quatro filhos e no dia de Nata! como disse houve missa por a ma do marido a que assistimos. Por fim

A VENDA DO JORNAL

Como das mais vezes e uma em cada quinzena, eles largaram todos no sábado de manhã. São 11. O Carlos guia. A marca do Morris é de quarto passageiros, mas nós andamos fora e acima de toda a marca. No domingo de tarde, regressam os que vendem no Porto e na segunda de manhã os de Viana, os de Braga, os de Guimarães mais os de Famalicão; de forma que eu tenho aqui duas séries de notícias frescas e boas. Eles contam tudo.

Presidente desta vez apresentou-se com uma bola e o Caetano também. Isfo quer dizer trabalhos. Ando farto de dizer aqui aos senhores que não dêem bolas aos rapazes; ou então que venham tomar conta disto. Porém de nada me tem servido; mandam bolas e não vêm aturá-los.

Além das bolas, Presidente trazia uma comprida caixa que pousa no chão e de onde começa a tirar brinquedos. Muitos brinquedos. Entre eles era um assobio. Também vinha uma carta a dizer que toda aquela riqueza era para dividir com o Hélio.

Assobios! Eu estou fartinho. Eu estou a não poder mais. Não sei quem deu um ao Manel do Embrulho. Eu já o tive na mão e pedi-lho, mas ele não mo deu. Passados dias chamei por ele e ofereci-lhe pelo assobio cinco cigarros de chocolate embrulhados em papel de prata e cada um de sua cor.

O rapaz disse-me que não. Mais

uma semana e eu tornei a chamar por ele. Agora era um pacote de vinte cigarros. O Manel do Embrulho respondeu-me que não trocava o assobio e foi-se embora a tocar nele! Ora a culpa não é do rapaz; ela é dos senhores visitantes. Quanto a mim, nada posso fazer. Nós estamos aqui por causa deles e não eles por causa de nós. Nem eu me atreveria jamais a privar o Manel dum prazer lícito. Só me resta a esperança de que ele o venha a perder.

Presidente disse-me mais que quando entra no café Excelsior, aperta sempre o casaco para esconder a camisola, que é de listas azuis e brancas. Diz ele que faz assim porque ali são todos salgueiristas. Eu cá não aprovo e ralhei. Disse-lhe que o homem é livre. Que pode escolher e depois de ter escolhido, é o que é. E dei-lhe por exemplo o Hélio.

Presidente também me disse que uns senhores de uma confeitaria lhe ofereceram muitos bolos, tantos que ele, sózinho, não os podia trazer; e pediu-me para ir lá buscá-los com o Bernardino. Eu disse-lhe que ele tinha feito muito mal, pois que bem pudera ter chamado um rapaz do Lar do Porto, ao que ele responde que não. Que se o fizesse, o Carlos acaçava tudo e não deixava trazer nada para aqui. Por onde se vê que o despendimento das coisas terrenas é muito difícil, sobretudo quando se trata de coisas de lamber.

o sr. P.º Horácio tomou o café lá em casa por ela oferecido.

Também há dias nasceram dois cordeirinhos dos quais um deles é merino eles são muito bonitinhos e espertalhões já saltam, brincam e quase que comem. Ainda não nasceram todos vamos ver quando nascem.

CARLOS MANUEL TRINDADE

COIMBRA A nossa Conferência—A nossa tarefa vai continuando, dia a dia cada vez melhor. Mais uma vez temos a República do Ai-ó-Linda na brecha. Desta vez foram os remédios. Sempre que nós queiramos remédios já temos uma porta onde podemos ir bater sem medo e vergonha. Fui eu que lá fui e disseram-me que quando fossem precisos remédios eles nos forneceriam todos, excepto daqueles que não possam dispor. A rapariga que auxiliamos com remédios, isto é, que se encontra com a tuberculose, encontra-se no Hospital, mas atrás duma vena outra, e desta vez é uma na Estação Velha. Aqueles estudantes da República do Ai-ó-Linda ofereceram-se gentilmente em nos auxiliar com remédios tanto para a nossa Conferência como para os nossos rapazes e ainda se for preciso alguma consulta, quando isso seja preciso. E se todas as repúblicas da cidade seguissem o mesmo gesto daquela? Mas nós bem sabemos que algumas devem lutar com grandes dificuldades, mas quem diz todas pode dizer algumas. Foram tão gentis que até queriam que eu lá jantasse, mas eu fiz-me rogado e não acedi ao seu pedido.

Quando fundamos a nossa Conferência muitos donativos chegaram até nós, mas foram diminuindo duma tal maneira que quando nos chega alguma coisa pensamos que foi pelos anos de algum Rei. Leitores não vos afasteis do caminho. A estrada é longa, que nunca tem fim mas que nos apresenta cheia de espinhos e dificuldades. Não vos esqueçais que temos pobreszinhos que vivem numa miséria extrema. Não vos esqueçais também que Deus na sua infinita misericórdia não deixa de vos agradecer e ficar muito reconhecido pelo bem que praticais.

Um pedido

De vários pontos, graças a Deus, chegaram remédios injeções e tres centenas e meia de escudos para comprar mais remédios para livrar da tuberculose uma jovem rapariga. Todos estes remédios vieram diminuir grandemente a doença da pobre rapariga. Mas, uma doença como é esta da tuberculose não se extingue, totalmente, só com caixas de injeções com tónicos fortes, e mesmo estreptomycin. Necessita dum outro remédio e é esse remédio que eu venho solicitar aos senhores. Chama-se «Minocil»; É muito caro, e é logicamente, o motivo porque eu, ou mandando algum dinheiro ou pedindo a outras pessoas a sua ajuda eu então um ou dois taludos comprarem cada um seu frasco, sim não tenham receio de mandar dinheiro intitulado «Minocil» porque para o restabelecimento completo da doente, é preciso mais que um frasco e, precisamente por o Minocil ser muito caro, eu venho pedir as migalhas aos nossos leitores amigos.

Sem excepção, peço que leiam este pedido com particular atenção atendendo às circunstanças que o rodeiam, isto é, pretendemos, nós todos, salvar a jovem rapariga e, ainda e mais empenhadamente, um seu filho recém-nascido.

Esperançados nas graças de Deus cá esperamos as vossas esmolas

José Maria Fernandes

TOJAL No dia de Reis depois do jantar foi aqui feita a escolha do nosso chefe.

Votaram os que fizeram o exame do 2.º grau e os da 3.ª e os que andam agora na 4.ª. Quase todos votaram pelo Ernesto. E assim ficou Chefe com 23 votos, e o segundo fui eu.

Não admira, porque, como ele é cozinheiro, todos querem que os chefes dêem bons petiscos à malta. Como ele é um rapaz muito simpático levou muitos vivas.

O novo Chefe deu vinho doce e bolachas, o que fez que lhe dessem mais vivas ainda.

Os patrões e operários da fábrica de balanças do A. P. reuniram-se há dias num jantar de confraternização em homenagem ao Chefe Geral que durante 25 anos tem orientado a Empresa.

Falaram vários patrões e chefes, e falou também o Pedro. Em nome do Senhor Padre Américo e dos Rapazes o Pedro disse que o Senhor Padre Américo estava muito grato a A. P. por ser a primeira porta que se abriu aos rapazes da Casa do Gaiato de Lisboa onde estão a trabalhar seis rapazes, pois o Senhor Padre Américo agradece as esmolas que lhe dão, mais agradece a quem dá trabalho aos rapazes. Agradeceu também a maneira como são tratados os nossos rapazes.

As palavras do Pedro foram bem acolhidas e todos os outros oradores se referiram com muita simpatia à Obra do Senhor Padre Américo. No fim fizeram uma quete entre todos que rendeu quatrocentos escudos, que o Pedro trouxe.

Meus senhores quando precisarem duma balança boa é comprarem da marca A. P., são afinadas por nós. Não pode haver melhor.

Carlos Alberto Lopes